

Elementos que incorporam vidas, reiteram lugares sociais, conectam e pertencem: agência dos não-humanos em um contexto estudantil¹

Elements that incorporate lives, reaffirm social places, connect, and belong: the agency of non-human elements in a student context

Yuri Alexandre Estevão-Rezende

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

Este artigo versa sobre a agência dos não-humanos (elementos materiais e/ou orgânicos) em um contexto estudantil, popularmente conhecido como as repúblicas estudantis de Ouro Preto, Minas Gerais. Para tal discussão, mobilizo uma seara de fontes: meu acesso a estes espaços durante sete anos, entrevistas com moradores destas casas, descrição de experiências das quais participei, imagens, observações nas redes sociais e interações dos estudantes nos ciberespaços. Esses dados permitiram costurar a análise segundo a qual objetos possuem vidas incorporadas, produzem um lugar social, garantem a manutenção de hierarquias, constituem relações micropolíticas, bem como pertencem e conectam as pessoas em termos de família/afinidade – no seio da vida republicana estudantil na cidade mineira de Ouro Preto.

Palavras-chave: Agência, Elementos, Objetos, Repúblicas estudantis.

¹ Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “Fazendo repúblicas, fazendo masculinidades: gênero, sexualidades e micropolítica das emoções em moradias estudantis”, defendida em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. Leandro de Oliveira e com bolsa concedida pela CAPES. Agradeço ao meu orientador por chamar minha atenção para a agência dos objetos nas repúblicas, aspecto que foi apenas sinalizado na dissertação, e por me incentivar a escrever sobre o tema. Sou imensamente grato à Prof. Dra. Sabrina Finamori (PPGAn/UFMG) por ler uma versão preliminar deste texto e fazer generosas considerações. Também agradeço a Thiago Camargo Barreto (doutorando do PPGAn/UFMG) pelas sugestões fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Recebido em 04 de agosto de 2022.

Avaliador A: 31 de agosto de 2022.

Avaliador B: 05 de setembro de 2022.

Aceito em 03 de novembro de 2022.



ABSTRACT

This article deals with the agency of non-humans (material and/or organic elements) in a student context, popularly known as the fraternities of Ouro Preto, Minas Gerais. For this discussion, I mobilize a harvest of sources: my access to these spaces for seven years, interviews with residents of these houses, description of experiences in which I participated, images, observations on social networks and student interactions in cyberspaces. These data allowed us to sew the analysis according to which objects have embodied lives, produce a social place, guarantee the maintenance of hierarchies, constitute micropolitical relationships, as well as belong and connect people in terms of family/affinity – within the fraternities life in the Minas Gerais city of Ouro Preto.

Keywords: Agency, Elements, Objects, Fraternities.

INTRODUÇÃO

As repúblicas federais de Ouro Preto surgiram da necessidade de moradia dos primeiros estudantes universitários da Escola de Minas e da Escola de Farmácia na década de 1920 (DEQUECH, 1984). Tal fato se iniciou a partir da ocupação de casas abandonadas no centro histórico da cidade, as quais foram posteriormente institucionalizadas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente, este modelo de residência estudantil conta com 59 casas e totaliza 794 vagas, sendo que, destas, 42 são repúblicas masculinas, 16 femininas e uma mista (UFOP, 2021). Elas são geridas pelos próprios moradores e cada uma possui regimento interno próprio, de maneira que são os próprios residentes os responsáveis pela seleção de estudantes que solicitam acesso por meio de um ritual denominado *batalha*². Durante minha pesquisa de mestrado pude observar que, neste contexto social, uma série de materialidades são produzidas e agem a partir das relações sociais, tais como os quadrinhos, copos, cachaça, bandeiras, plaquinhas e cadernos.

² Considero a batalha, a partir dos relatos dos meus interlocutores, como um ritual de passagem no qual, no período que varia de três a nove meses, o calouro (chamado então de *bixo*) passa por um processo que define sua escolha como morador de determinada república, logo, confere-lhe uma mudança no lugar social naquele contexto. Não obstante, as regras do período de batalha são instituídas por cada república, mas, em todos os casos, trata-se de um período de “teste” para que os outros membros possam deliberar sobre a permanência ou não do calouro na casa, a partir de sua trajetória nesta etapa. Uma série de atividades podem ser designadas para os bixos durante a batalha: atividades domésticas (como o cuidado com a *casa*); trabalhos braçais ou de esforço físico na organização das festas: “bater caixa” (encher os *freezers* de cerveja), servir bebidas nas festas, limpar a casa após esses eventos; preparar o café; além, é claro, de socializar com o contexto republicano de modo geral. A intensidade ou a existência dessas atividades dependem de caso a caso (de cada casa).

A virada sociomaterial em Antropologia sacudiu – de maneira incontornável – a centralidade dada aos humanos nas produções antropológicas. Seja a partir de Alfred Gell (1998) e sua leitura/perspectiva profícua da agência dos objetos e artefatos artísticos; ou Bruno Latour (2012) em sua posição de evidenciar o hibridismo entre pessoas e objetos na vida cotidiana; de Donna Haraway (2000) borrando as fronteiras entre os humanos e não-humanos, as máquinas; seja na proposta de Ingold (2012) em pensar os emaranhados/as teias que nos conectam com as coisas da/na vida. A etnologia brasileira também produziu inúmeras e importantes contribuições para pensar – sobretudo em contextos ameríndios – as interações entre humanos e não-humanos e suas capacidades agentivas (cf. BARCELOS NETO, 2008; VILAÇA, 1992; VIVEIROS DE CASTRO, 2002; entre outros), o que ainda reverberou na arqueologia brasileira em reconhecer/refletir e pensar as agências dos artefatos/objetos com os quais arqueólogas/os trabalham (cf. BARRETO E OLIVEIRA, 2016; CABRAL, 2020; RODRIGUES, 2022; entre outros). O impacto da virada sociomaterialista também foi produtor no que se conformou como Antropologia da Ciência, congregando discussões sociotécnicas em realidades mais próximas/ocidentais (cf. HOUDART, 2015; LATOUR; WOOLGAR, 1997; RIFIOTIS, 2012; SOUZA, 2013; etc.). No entanto, por que não pensar a agência dos não-humanos em contextos de pesquisa ditos mais “próximos” para além destes campos já consagrados?

Desse modo, o objetivo deste artigo é investigar como elementos materiais participam ativamente da vida nas repúblicas estudantis. Mais precisamente, busca mostrar como as associações de atores não-humanos e humanos produzem relações “coletivas” em uma perspectiva latouriana de agência (LATOUR, 2012). Para tal incursão, recorro a uma seara de fontes: meu contato com republicanos e do acesso a suas casas durante sete anos de pesquisa (graduação e mestrado); entrevistas realizadas no período do mestrado (entre novembro de 2020 e outubro de 2021) e conversas informais com interlocutores, moradores e ex-alunos das repúblicas; livros sobre a temática como fonte documental e seus depoimentos; descrição de eventos dos quais participei; além de imagens como uma possibilidade não-verbal de descrição, fragmentada, mas que compõe a análise para além do texto escrito (NOVAES, 2014). Por fim, de minhas observações da rede social *Instagram* de repúblicas estudantis as quais são apresentadas por *frames* capturados dos *stories* publicados por moradores/as das residências estudantis e que demarcam as interações sociais entre republicanos – em um *continuum online/offline* - nos meses de maio/junho de 2022.

AS REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Morar em Ouro Preto sendo estudante parece estar ligado, direta ou indiretamente, ao contexto republicano, ou como afirma Kleber Pinto (fundador e *ex-aluno* da república Formigueiro,) no depoimento presente no livro de Machado (2014, p. 09): “em Ouro Preto, não é importante saber em que ano você se formou, mas em que república você morou”. Isso está situado no seio de um contexto específico de interação, ou seja, trata-se de uma narrativa que informa sobre experiências no interior das relações entre estudantes universitários, onde a república assume centralidade nas redes de sociabilidades. Assim, saber se uma pessoa é ou não de uma república - e em qual república mora/morou - a situa socialmente na cidade e no cenário estudantil, tanto no meio republicano quanto fora dele.

A noção de contexto, segundo Roy Wagner (2010 [1975]), foi mobilizada de maneira restrita por linguistas modernos e outros intelectuais euro-americanos. Tal abordagem compreende que o contexto diz respeito a uma espécie de “ambiente” em que os símbolos adquirem sentido, significado etc. O antropólogo americano propõe ampliar a forma como concebemos a ideia de contexto para além da explicação linguística, de modo que um contexto, para Wagner, é, sobretudo, uma parte constitutiva da experiência e “também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si e é formado pelo ato de relacioná-los” (2010, p. 71). Contextos se entrecruzam e se relacionam, podem estar vinculados a um grupo de pessoas e elas circulam em vários contextos, por consequência. Wagner (2010, p. 74) acrescenta que contextos fornecem “uma base relacional coletiva” e “incluem coisas como linguagem, ‘ideologia’ social, aquilo que é chamado de ‘cosmologia’ e todos os demais conjuntos relacionais que os antropólogos se deliciam em chamar de ‘sistemas’ [...]”.

Podemos, então, presumir um contexto republicano em que se nota a conformação de um vocabulário próprio (FRANÇA, 2008), a (re)produção de territorialidades e de relações entre estudantes e moradores de Ouro Preto que (re)organizam a cidade (MALTA, 2010), a produção de festas e rituais específicos (BOMFIM, 2013; FONSECA, 2016) e, por fim, a constituição de um *sistema republicano*. Tal sistema, que, nos termos de Machado (2014), pode ser entendido como “tradição republicana”, é construído e constrói as sociabilidades dentro destas casas.

Na literatura antropológica sobre casa, a etnografia de Marcelin (1999), no Recôncavo Baiano, precisamente nos bairros populares de Cachoeira (BA), traz uma discussão que considero interessante para se pensar o contexto das repúblicas. Em seu campo, o antropólogo apreende como a casa codifica uma série de redes de sociabilidades relacionais (que podem ser

caracterizadas em termos de família e parentesco). A centralidade delas naquele campo não se constitui como um elemento desconectado ou singular, neste sentido – mas como uma esfera relacional entre a casa e outras casas, naquilo que denomina de “configurações de casas”.

Esta configuração sugere o alargamento do conceito de parentesco ligado exclusivamente ao elo sanguíneo. As formas associativas entre as pessoas em termos de consideração também comparecem e permitem a Marcelin (1999) compreender o parentesco por meio das práticas cotidianas daquele cenário sociocultural, onde a configuração de casas parece preponderante neste aspecto. Afinal, o “agente começa por construir seu universo a partir dos próximos, quer dizer, daqueles que fazem parte do ‘nós’ (a casa e a configuração de casas)” (MARCELIN, 1999, p. 40). Desse modo, a “constituição do parentesco e da família através das redes de relações concretizadas nas casas e nas configurações de casas justifica-se pelo fato de os próprios agentes a utilizarem...” (MARCELIN, 1999, p. 42).

Outro trecho interessante no depoimento de Kebler Pinto, merece ser destacado: “as repúblicas sempre se constituíram como uma família mais verdadeira que a consanguínea. Isto porque cada um escolhe seu “irmão”. Não há o grupo familiar imposto e muitas vezes detestável. E se o escolhido não é o ideal, você o substitui” (MACHADO, 2014, p. 08). O que tal relato revela pode ser aproximado às considerações de Marcelin (1999), na medida em que as repúblicas constituem famílias, ou seja, “o termo família pode ser equivalente ao de casa” (MARCELIN, 1999, p. 42). Não obstante, não se trata de uma república isolada mas de configurações de repúblicas que alargam os vínculos associativos, o *irmão de batalha*³ não é apenas aquele que vive na mesma residência do *bixo*⁴, mas os demais bixos que estão no processo de *batalha* em outras repúblicas. Há a construção de uma rede de sociabilidades/conexões em torno das casas e, portanto, no contexto estudantil ouropretano.

Cabe sublinhar que os idiomas de parentesco acionados no cenário republicano podem ser interpretados à luz do conceito *relatedness* (conectividades), proposto por Janet Carsten (2000) para alargar e complexificar o campo do parentesco em Antropologia. Ou seja, os vínculos associativos que constroem a *família republicana* ocorrem por meio da afinidade, da *batalha*, da consideração, da tradição, da afetividade, da *hierarquia* – são constituídos no seio das práticas cotidianas das casas, sendo que seu significado não é dado por um contexto anterior ou biológico, mas produzido e relacional. Afinal, trata-se de uma família que se escolhe por afinidade, não é imposta pela consanguinidade. Não se trata de um sinônimo genérico de

3 Irmão de batalha é o termo usado para se referir aos bixos que iniciam o período de batalha no mesmo semestre dentro da república e nas demais repúblicas (consideradas amigas).

4 Bixo é o termo usado para se referir ao calouro que está batalhando em determinada república. Durante esse período, ele não é chamado pelo seu nome de batismo, mas pela referida denominação. Geralmente, nas plaquinhas dos bixos/bichos a palavra é grafada com “x”, por isso, neste trabalho, utilizo a forma “bixo”. Não se trata, portanto, de um erro de ortografia.

um termo consanguíneo, ou melhor, *irmãos de batalha* não são a mesma coisa que irmãos de “sangue”.

Assim, o que pretendo sinalizar é que, ao falar das repúblicas estudantis em Ouro Preto enquanto casas, estou interessado nos “múltiplos entrelaçamentos que elas iluminam (entre vidas e relações que são encenadas em meio às casas) e os contextos sociais e políticos, historicamente modelados, em que elas estão situadas” (CARSTEN, 2018, p. 104, tradução nossa⁵). Neste sentido, na perspectiva de Carsten (2018), as casas (no caso específico, as repúblicas) podem desvelar aspectos importantes das vidas das pessoas (os estudantes) de modo relacional e, por consequência, especificamente neste artigo, permite-nos compreender também como materialidades possuem agência e interagem a partir das relações sociais no cenário republicano.

Ademais, as repúblicas em Ouro Preto incorporaram um modelo próximo das repúblicas estudantis de Coimbra, em Portugal. Machado (2003) destaca que a relação entre os alunos da Escola de Minas e da Universidade de Coimbra, bem como seu contexto estudantil, gerou um intercâmbio sociocultural – o que culminaria na incorporação do modelo de *autogestão*. Em seu livro, Machado (2014) ressalta a visita de jovens da universidade portuguesa à cidade de Ouro Preto em 1960, o que poderia confirmar tal hipótese sobre aproximação entre estes dois contextos. Elísio Estanque, sociólogo português, analisou durante sua trajetória acadêmica a conformação do ativismo estudantil português, precisamente dos estudantes da Universidade de Coimbra, com enfoque no interior das repúblicas estudantis. Portanto, podemos notar semelhanças entre as moradias estudantis das cidades mineira e portuguesa ao analisar seus trabalhos, sobretudo naquilo que tange ao modo de gestão das casas – afinal, mesmo que vinculadas à instituição superior, eram autônomas, ou seja, autogeridas pelos moradores (ESTANQUE, 2008) – além dos processos de rituais: rito de passagem (similar à *batalha*) e outras formas de *troles* (ESTANQUE, 2017).

Ainda que haja semelhanças que sugerem esse modelo comum de moradia estudantil intercambiado entre Coimbra e Ouro Preto, vale destacar que há uma série de outros elementos que conformam a especificidade das repúblicas estudantis na cidade mineira, seja pelo contexto histórico, sociocultural, regional, dentre outros (MACHADO, 2003). A seguir, neste artigo, busco analisar alguns destes elementos e suas capacidades agentivas no interior das repúblicas estudantis na cidade mineira.

⁵ No original: “multiple entanglements that houses illuminate between the lives and relations that are enacted within them and the historically-inflected social and political contexts in which they are situated”.

OS QUADRINHOS COMO EX-ALUNOS INCORPORADOS

Descrever o objeto *quadrinho* não congrega o seu significado dentro do contexto das repúblicas, o que posteriormente pretendo fazer neste subtítulo. Mas trata-se de um quadro, geralmente de tamanho 10x15cm, no qual uma foto de um membro recém-formado de determinada república é colocada junto à informações daquele membro, como sua cidade de origem, data de formatura, curso e *apelido*⁶ abaixo de sua imagem. Estes quadros ficam nas salas de estar das repúblicas por ordem de inauguração, ou seja, por data de formação de cada estudante. Mas o que torna o quadrinho especial?

Figura 1. Quadrinhos de ex-alunos de uma república federal em Ouro Preto



Fonte: Joyce Fonseca, 2014.

Há uma questão inicial aqui: o quadrinho pode, em um primeiro momento, ser pensado como um objeto que representa a figura do republicano que se formou, logo, não reside mais na casa. No entanto, gostaria de complexificar essa possível constatação preliminar: o quadrinho não simplesmente representa mas incorpora uma existência, uma pessoa que faz parte da história daquela república. Ele possui uma vida e, nesse sentido, humano e não-humano parecem se mesclar incorporando/trocando propriedades (LATOUR, 2001). Por exemplo, quando o *ex-aluno* retorna para a república (em qualquer data), os *moradores* viram seu quadrinho de costas

⁶ Ao longo da batalha, o bixo pode ou não ganhar um apelido – mas é a escolha que referenda de vez o apelido daquele que então se torna morador. Todo o contexto republicano passará a conhecer a pessoa por seu apelido, o estudante passa a se apresentar no cenário estudantil dessa forma.

para a parede (onde a imagem não aparece). Isto porque o *ex-aluno* está de corpo “inteiro” em casa; não há, portanto, necessidade de deixar visível uma “parte de si” que permanece ainda que sua presença física esteja distante daquele contexto. O quadrinho reitera uma presença, uma vida e, por conseguinte, cria um elo (que tende a ser definitivo) entre a pessoa (*ex-aluno*) e a casa (a república). Assim, segundo Carsten (2018, p. 110, tradução nossa⁷), se “nós abrigamos casas tanto quanto as casas nos abrigam”, os quadrinhos nas repúblicas estudantis parecem materializar tal premissa.

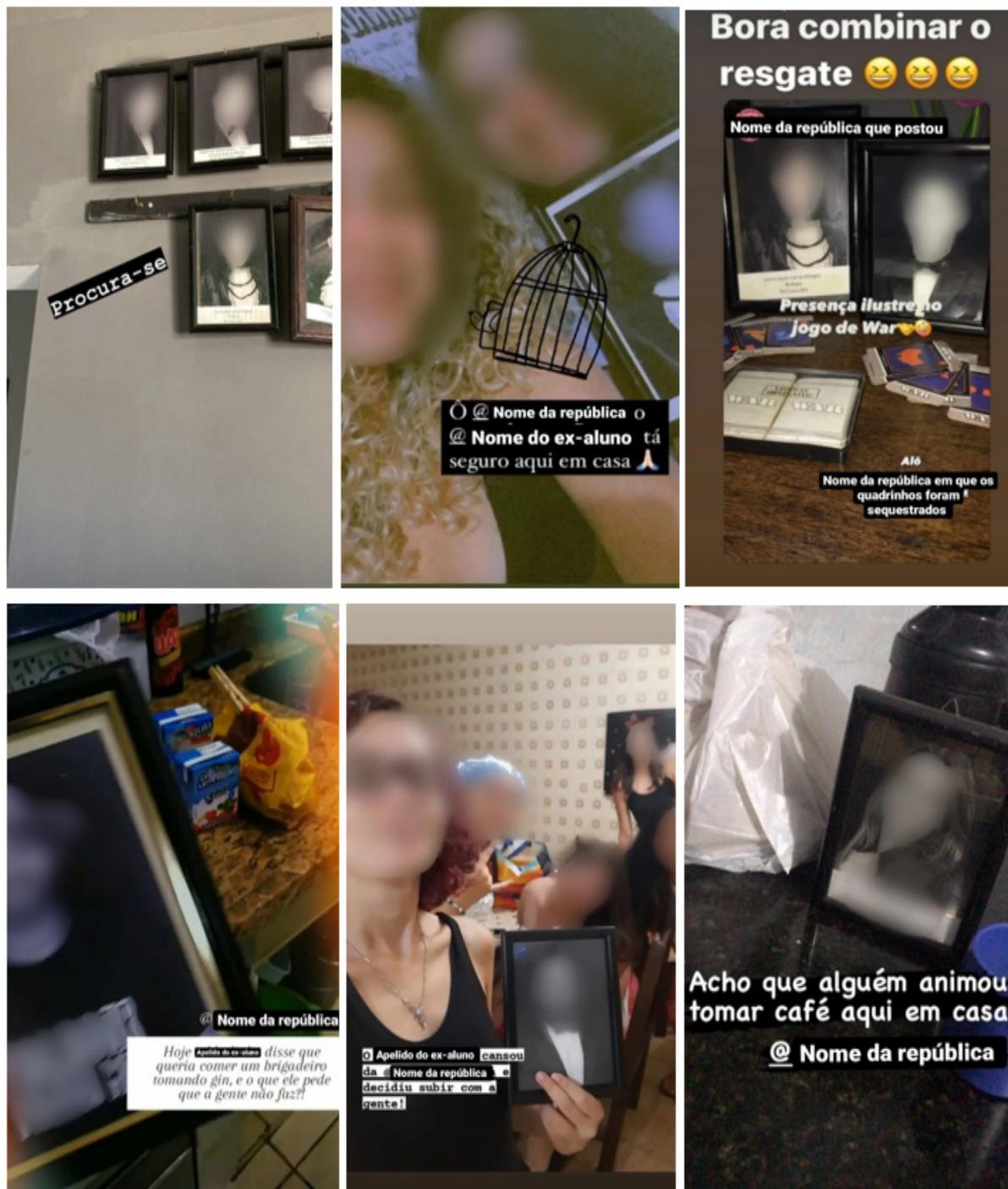
Essa vida incorporada no quadrinho pode ser pensada como uma substância que opera para solidificar a noção de *família republicana* neste cenário estudantil, ou, mais estritamente, nos termos de Carsten (2014), para alargar, prolongar e manter relações familiares ao longo do tempo. Carsten (2014, p. 107), chama de “substâncias ou vetores” elementos materiais e imateriais que, por capacidade agentiva, conectam pessoas em torno de um vínculo familiar. É assim, por exemplo, que ela propõe pensar o sangue e que também pode ser estendido para outros elementos e objetos em distintos contextos de produção das relações sociais em torno do parentesco/da família/da afinidade. Ora, se o quadrinho é o *ex-aluno* que está em sua casa, logicamente, é o *ex-aluno* que está no seio de sua *família republicana*, que vive ali, convive e interage com os seus familiares e os membros do meio republicano.

A agência dos quadrinhos parece estar intimamente ligada às relações que eles estabelecem com as demais pessoas naquele contexto social. Assim, os moradores interagem com o quadrinho porque ele é o próprio *ex-aluno* incorporado: os quadrinhos podem ser colocados à mesa para beber com demais moradores em ocasiões comemorativas ou acompanhar outras atividades, tanto em sua república de origem, quanto nas casas nas quais estão sequestrados; no período natalino, os quadrinhos ganham gorros de natal; eles são roubados por repúblicas do gênero oposto para que seja marcado um *social*⁸ para que, desta forma, o *ex-aluno* seja resgatado e retorne a sua moradia. Em minhas observações nas páginas das repúblicas na rede social *Instagram*, pude entender melhor como essa dinâmica opera mais precisamente quando o quadrinho é sequestrado e passa um tempo em outra residência, conforme apresento nos *frames* abaixo:

7 No original: “we encase houses as much as houses encase us”.

8 Em Ouro Preto, repúblicas são “generalizadas” à medida que se configuram como casas habitadas por moradoras (mulheres) ou moradores (homens), assim são denominadas em termos ênicos de repúblicas femininas ou masculinas. O *social* é um *rock* que ocorre, majoritariamente, entre duas repúblicas (uma feminina e uma masculina), com data marcada anteriormente e pode realizar-se por dois motivos: por serem repúblicas que mantêm um vínculo de amizade e/ou pois há uma intenção de aproximação afetiva/sexual entre dois de seus membros ou mais. Ambos os motivos podem comparecer e levar à marcação de um social. Podem ainda ocorrer eventos assim que são realizados entre repúblicas do mesmo gênero, mas é pouco usual.

Figura 2. *Frames* – *Stories* publicados por repúblicas estudantis no Instagram



Fonte: Autor, 2022.⁹

⁹ Os *frames* foram capturados a partir dos *stories* publicados nas páginas do *Instagram* de algumas repúblicas. Para não expor nenhuma república e seus/suas moradores/as, editei estes *frames* recortando a partes em que aparecem os nomes das repúblicas, além de que, nos textos postados pelos republicanos junto a tais imagens também sublinhei por cima dos/as ex-alunos/as e das repúblicas as seguintes frases em tarja preta:

Tais imagens, produzidas em formato de *stories* por *moradores e moradoras* das repúblicas estudantis e publicadas na rede social, evidenciam a forma peculiar como os quadrinhos interagem com os republicanos e, por consequência, desvelam formas de sociabilidades entre tais atores sociais, demarcadas muito nitidamente por gênero e sexualidades. Isso ocorre de tal modo que é necessário avisar à comunidade quando o quadrinho desaparece (é sequestrado); aqueles que sequestram também divulgam o ato, mostrando para as repúblicas como os/as *ex-alunos/as* são tratados/as nessas ocasiões, as atividades das quais estão participando etc. Uma análise preliminar destas imagens pode incorrer no argumento de que elas retratam meras brincadeiras ou simulações e sugerir, assim, que as interações sociais nelas expressas não são relevantes ou dignas de atenção. Contudo, proponho refletir a partir de tais imagens, sobretudo no modo como os/as moradores/as descrevem de forma escrita as relações que estabelecem com os quadrinhos (logo, os *ex-alunos* incorporados), que estas dão uma dimensão das interações cotidianas dos quadrinhos com aqueles atores sociais e, por meio destas relações, conectam-se ainda aos demais membros do cenário republicano.

O quadrinho, raras vezes, também pode ser retirado (e destruído) definitivamente da residência estudantil, o que demarca que o *ex-aluno* foi expulso e não pode mais se classificar como um membro de determinada república. De maneira que, se ele possui uma vida, também poderá morrer para o contexto social em questão: o vínculo familiar, o seu poder enquanto substância que conecta pessoas a um núcleo afetivo/social/familiar é quebrado; sua capacidade agentiva se cessa. Conforme salienta meu interlocutor Fernando (ex-aluno de uma república), “quando o [nome de uma pessoa que morava na república] agrediu o outro morador, a gente catou ele e tiramos o quadrinho... tipo ele não é mais *ex-aluno* lá de casa, a gente não o reconhece mais, é como deixar de existir” (Fernando, 2020).

Outras pessoas – além de *ex-alunos* – também podem ter um quadrinho. Os *homenageados*, como são chamados, são pessoas que foram/são importantes naquela determinada república, viveram e criaram vínculos naquele espaço, por um breve período, ou sequer residiram ali, mas cultivaram amizades e participaram das sociabilidades naquele contexto. Ou ainda, vizinhos ou mulheres que trabalhavam como domésticas nas casas, chamadas de *comadres*. Em todos os casos, a escolha daqueles que serão homenageados é feita através de votação unânime dos moradores e requer que o escolhido de fato seja alguém que construiu forte vínculo com os atuais membros da moradia estudantil, o que o torna um membro daquela família (MACHADO, 2014). Importante destacar que o homenageado não ocupa a mesma posição de um *ex-aluno*, afinal, como explicitaram meus interlocutores em nossas conversas informais, eles não *batalharam* na

nome do ex-aluno ou apelido e nome da república. Por fim, os rostos das pessoas que aparecem nas imagens e nos quadrinhos foram desfocados.

casa, ou seja, não possuem um lugar social (dentro da *hierarquia*) naquele cenário. Tanto é que os quadrinhos dos *ex-alunos* – dispostos em ordem crescente por data de formatura (ex.: 1999, 2000, 2001...) – ficam na parede principal da sala, enquanto os homenageados estão em uma parede secundária neste ambiente.

Ou seja, o quadrinho não é apenas um objeto representativo. Ele interage e age no espaço em que ocupa, por demarcar uma espécie de vida daqueles que ali moravam, possui agência. Um *ex-aluno*, portanto, estará sempre naquela casa, seja de corpo presente (em ocasiões especiais/festivas) ou incorporado no seu quadrinho. E se o quadrinho é muito importante para os republicanos, o momento da sua inauguração não é diferente. Sinaliza para um tipo de evento que é fortemente vinculado à ideia da *vida republicana* ou à *tradição republicana* em Ouro Preto: os *rocks*¹⁰. No caso específico do quadrinho, “o *rock* de inauguração do quadrinho”¹¹. No próximo subtítulo faço uma descrição de um *rock de escolha*¹² do qual participei com uma interlocutora de pesquisa, outra festa importante na vida republicana e que desvela ainda a agência de elementos como o *copo de vidro* e a *cachaça* na manutenção das micro-hierarquias daquele cenário social.

10 No léxico das repúblicas em Ouro Preto, *rock* é sinônimo para festa, ou melhor, representa esta palavra - já que o termo festa é raramente utilizado (FRANÇA, 2008). Existem vários tipos de *rocks* e todos eles se relacionam com as interações sociais no seio das repúblicas (FONSECA, 2016).

11 Geralmente, inaugura-se o quadrinho com um público mais reduzido, amigos, moradores das repúblicas e familiares, na sexta-feira à noite, enquanto no sábado à tarde é o *rock* da formatura em que há público mais expressivo. Neste *rock* [de inauguração], o membro que está formando irá inaugurar seu quadrinho naquela casa a partir de uma espécie de ritual da festividade, a qual é conduzida pelo morador mais antigo da casa, o decano. O público da festa é avisado sobre o momento da inauguração, onde todos se direcionam para a sala de estar ou outro espaço escolhido – ali se encontra o quadrinho coberto por papéis, ao seu lado se posicionam morador (que está se formando), o decano e, próximo a eles, os demais moradores. Neste momento, o decano dá início ao ritual, apresentando de forma breve o rito que será iniciado e convoca todos os presentes a manter silêncio para escutar os relatos que se seguem. Nos papéis que encobrem o quadrinho, há ilustrações que remetem a histórias sobre a passagem do formando na república e quem as conta são os moradores. Em sua ampla maioria, são fatos que assumem tom jocoso e/ou engraçado, mas também afetivo, a partir das relações estabelecidas entre os membros da república. Por fim, o decano inicia uma entoação ao final do ritual: inaugura, inaugura, inaugura! Em seguida, retira o último papel e o quadrinho é revelado ao público, que entoia: *ex-aluno, ex-aluno, ex-aluno*. O *rock* pode continuar e se estende, algumas vezes, madrugada adentro.

12 O *rock* de escolha celebra o final do ritual de batalha. Trata-se de um evento mais restrito e menor, em relação aos demais; ocorre geralmente à noite e o membro que será escolhido não sabe do *rock*, é surpreendido pela festividade que sinaliza sua escolha, portanto, sua ascensão à posição de morador naquela república. A organização da festa ocorre no dia de sua realização. Para tanto, é necessário que algum membro da república ou amigo do então bixo (pode acontecer, mas não é comum) o distraia durante todo o dia e o escolhido precise ficar a maior parte do tempo fora da república, para que a organização do *rock* possa seguir. Os presentes nesses eventos são os seguintes: os moradores, os membros das repúblicas amigas, os irmãos de batalha do jovem que será escolhido e os amigos de curso (em menor número, apenas aqueles mais íntimos). Antes de iniciar o *rock*, um último trote é aplicado ao bixo que será escolhido: o chamado vento. Os moradores espalham suas roupas e objetos pessoais por toda a casa, às vezes nas varandas e sacadas. Tão logo o bixo chega na república e percebe que será escolhido pois tomou vento.

ENTRE COPOS E CACHAÇAS: OBJETOS E ELEMENTOS QUE ATUAM NA MICROPOLÍTICA DO CONTEXTO REPUBLICANO

O sistema republicano funda uma micro-hierarquia que diz respeito à organização social, a qual denominam de *hierarquia* naquele contexto; este é um elemento central que constrói a especificidade das repúblicas estudantis em Ouro Preto e orienta, por consequência, as formas de sociabilidades ali. Cada morador ocupa um lugar social dentro das repúblicas, dispostos da seguinte maneira: *bixo*, aquele que está em período de *batalha*, portanto, não é um morador e ocupa a posição social mais inferior, deve satisfação e obediência aos demais moradores; *semi-bixo*, recém escolhido na casa, ou seja, tornou-se morador há pouco tempo, é o responsável imediato pelo *bixo* no sentido de lhe dar tarefas e fiscalizar seu processo de *batalha*. Em seguida, a *hierarquia* se divide entre os *moradores* e tem relação estrita com o período de escolha na república, nesse sentido, designa-se o lugar social naquela ordem a partir do maior tempo de escolha. O *decano*¹³, morador mais antigo da casa, é o que ocupa a posição mais elevada nesse esquema, a ele cabem tarefas de maior responsabilidade (sobretudo que envolvem questões financeiras), bem como alguns privilégios, como ter um quarto só para si (geralmente os estudantes dividem quarto nas repúblicas). Todos lhe devem respeito e obediência, mas ele pode ser questionado quando os demais *moradores*, em conjunto, decidem que alguma ação de sua parte passou dos limites, o que é incomum, já que a *hierarquia* é um dos elementos mais respeitados e resguardados nas repúblicas estudantis ouropretanas. Por fim, no topo da *hierarquia*, temos os *ex-alunos*. A eles – inclusive o *decano* – todos devem respeito e consideração. Importante frisar que os *ex-alunos* são consultados sobre situações que ocorrem nas casas e que põem a república em risco. Eventualmente, também ajudam financeiramente quando as casas estão com poucos *moradores* e dificuldade para encontrar *bixos*. No entanto, raramente intervêm em questões do cotidiano da casa, deixando a cargo do *decano* um lugar social de destaque nesse ponto¹⁴.

Ao descrever tal micro-hierarquia, busco sinalizar para um contexto micropolítico

13 Nem todos os moradores serão decanos em uma república. Primeiro, pelo número de moradores das casas; segundo, pela data de escolha como referencial para esta ascensão; por fim, os cursos da Universidade não possuem o mesmo tempo de integralização (são de oito a dez semestres). Assim, pode ocorrer de um morador se tornar ex-aluno e sobrepor-se naquela hierarquia ao decano.

14 A hierarquia não diz respeito apenas à organização social da casa, mas ao contexto republicano. Assim, na interação entre os estudantes de várias repúblicas, as diferenças hierárquicas também são produzidas: um decano de determinada república está em posição superior ao morador de outra residência. Obviamente, não há interferência de membros de uma casa no cotidiano de outra, mas sim em momentos em que as interações são ampliadas, tais como eventos, festas, reuniões, na universidade etc.

presente nos espaços das repúblicas estudantis. Mas, antes de inferir se tratar de lugares sociais estruturalmente estáveis e rígidos, gostaria de propor pensar estas disposições hierárquicas como construídas e reiteradas no cotidiano. Com isto, estou indo ao encontro da perspectiva de Candace Clark (1997), de que

a leitura de lugares sociais é complexa devido às múltiplas perspectivas sobre o lugar de uma mesma pessoa. Ao mesmo tempo em que situamos a nós mesmos e aos outros, os outros estão tentando nos posicionar. Existem, portanto, visões “subjetivas” (autoconstruídas) e “objetivas” (construídas pelo outro) sobre o lugar de cada pessoa. Lugares objetivos não são aqueles que as pessoas desejam ocupar ou pensam que ocupam, mas aqueles a que os outros nos alocam pela concessão de atenção, estima, deferência e honra – ou pela falta destas. O lugar objetivo que outros constroem pode colorir o senso subjetivo que uma pessoa tem de “onde estou situado nesta relação”, mas não o determina totalmente. Algumas pessoas resistem ao lugar que os outros definem para elas, enquanto outras o aceitam (CLARK, 1997, p. 232, tradução nossa¹⁵).

Portanto, tal como Clark, pretendo pensar lugares em contraposição à categoria de *status* social, à medida que a segunda diz respeito a uma demarcação mais estruturante da vida social, enquanto a primeira desvela um contexto micropolítico das relações sociais. Assim, mesmo que a *hierarquia* nas repúblicas se configure como uma “tradição” e seus lugares sociais possuam uma predeterminação, isto não significa que estes não precisam ser negociados, reiterados e produzidos nas interações cotidianas deste contexto. Ao contrário, é por meio das sociabilidades que eles se ativam e são demarcados, é na *batalha*, nos *troles*, nos *rocks* e no dia a dia que são constituídos, afinal, relações de lugar envolvem movimento constante e reconfiguração (CLARK, 1997).

Se Candace Clark propõe que sentimentos/emoções podem reafirmar e realçar os lugares sociais, por que não refletir sobre como outros elementos materiais podem atuar na produção destas posições? Nesse sentido, a seguir, busco apresentar como elementos e objetos são atores envolvidos na produção dos lugares sociais – um tipo de processo que ocorre pela associação, nos termos de Latour (2012), entre atores humanos e não-humanos. Mais precisamente, na constituição de relações entre objetos e elementos/*moradores/bixos*, em que tais associações revelam as capacidades agentivas desses atores na produção de poder e as posições sociais neste contexto.

15 No original: “Reading places is also complicated by multiple perspectives on a given person’s place. At the same time that we place others and ourselves, others are trying to place us. There are, then, “subjective” (self-constructed) and “objective” (other-constructed) views of each person’s place. Objective places are not where people wish to stand or think they stand; objective places are those that others ascribe through their attention, esteem, deference, and honor - or lack thereof. The objective place that others construct may color a person’s own subjective sense of “where I stand in this relationship,” but does not determine it altogether. Some people resist a place others define for them, while some accept it”.

Nas repúblicas estudantis, o *copo de vidro* (ou tradicionalmente conhecido em Minas Gerais como *copo lagoinha*) não se constitui como um mero objeto de uso funcional: tomar água ou ser o recipiente para algum tipo de bebida líquida. Em encontros e comemorações dentro da república, em eventos mais restritos aos membros da casa e *ex-alunos* ou em *rocks* maiores com a presença de diversas moradias, um *ex-aluno* é aquele que em suas mãos sempre segurará um copo de vidro. Em pormenores, nestas ocasiões, *ex-alunos* são aqueles que bebem – cerveja ou outra bebida alcoólica – com um copo lagoinha, enquanto os demais convidados/moradores bebem em recipientes de plástico ou material similar. Se um *ex-aluno* não é recepcionado pelo *bixo* de sua casa ou de outras repúblicas com tal copo, isto se configura como uma afronta, não meramente pessoal, mas coletiva – à própria *hierarquia republicana* e suas tradições.

Nos indos do mês de maio deste ano (2022), fui convidado por Jorge (um de meus interlocutores, *decano* de uma república), para comparecer a um *rock* de escolha em sua casa. Comigo foi também uma *ex-aluna* de uma república da cidade (a qual chamarei de Cássia), ambos nutrimos um relacionamento de amizade. Aproveitei este momento festivo como uma possibilidade de imersão a campo, especificamente nos *rocks*, tal como fiz em outras ocasiões da minha trajetória acadêmica. Logo que chegamos à república masculina Z, Jorge nos recebeu de braços abertos e muito feliz com nossa presença – era nosso primeiro contato presencial após o afrouxamento das restrições oriundas da pandemia de Covid-19. Rapidamente, depois de nos cumprimentarmos e de uma breve conversa, Jorge pede licença e vai até o *bixo* de sua república. Aproveitamos sua saída e fomos até o escolhido para parabenizá-lo por sua *escolha*, como é de praxe em tais eventos, bem como os demais *moradores* da república Z, os quais conhecíamos. Em seguida, passamos um tempo a circular pela casa até notarmos que não havia mais ninguém ali que conhecíamos, talvez por nossa data de formatura na UFOP (minha amiga formou-se em 2017) em relação àqueles que estavam no *rock*. O que nos deixou, de certa maneira, deslocados.

Um tempo depois, eis que o então *bixo* (que Jorge havia se aproximado e conversado) caminha até nós com dois copos de vidro e um litro de cerveja nas mãos, cumprimenta-nos e se apresenta (“prazer, sou o *bixo* da república Z” como eles tem costume de se apresentar), pede desculpas por ter se atrasado em nos oferecer aqueles copos, entrega-nos e enche o lagoinha de cerveja. A situação me constrangeu de imediato, primeiro, pela maneira como o *bixo* parecia subserviente e preocupado em ter nos causado algum aborrecimento ou desconforto, segundo porque não sou um *ex-aluno* de república e estranhei o fato de receber aquele copo¹⁶.

Cássia, mais habituada que eu a tais normativas, não pareceu estar constrangida ou desconfortável com aquela situação. O que se seguiu a tal fato pode ilustrar melhor como o

16 Em momento posterior, questioneei Jorge o porquê de ter recebido o copo lagoinha. Segundo ele, como era um amigo da repúblicas/dos moradores e por ser formado na UFOP, decidiu, por consideração, mandar o *bixo* me entregar um copo de vidro.

copo nos garantiu uma posição privilegiada naquele *rock*, dado o lugar social que passamos a ocupar para os presentes (republicanos) na *escolha*. A partir daquele momento, tornarmo-nos as únicas pessoas que estavam com copos lagoinha nas mãos, o que acarretou uma mudança brusca na maneira como os outros participantes do *rock* nos trataram: muitos olharam curiosos (o que minha amiga traduziu como “quem são esses ex-alunos?”), os *bixos* (das demais repúblicas) se aproximaram prontamente quando nossos copos estavam vazios e, mais tarde, algumas pessoas, sobretudo, homens de outras casas, se aproximaram para puxar conversas desprezíveis conosco. Outra situação demonstrou nosso prestígio adquirido ali: quando o *rock* se estendia lá pelas 20 horas da noite de sábado, a cerveja acabou e os moradores precisaram ligar para a distribuidora. Nesse intervalo de tempo, o *bixo* da república Z chega empolgado até nós e afirma que havia separado dois litros da bebida alcoólica para nos servir caso a nova remessa de cerveja demorasse a ser entregue. Prontamente, agradecemos o gesto. Todos os demais ali presentes tiveram que esperar para retornar a beber, mas *ex-alunos* “não gostam de copo vazio,” contou-me uma vez uma *bixo* com quem estabeleci contato durante a graduação – naquele instante me veio à memória sua fala.

Mas retomemos aqui algo importante para entender o papel dos copos na produção/retificação das *hierarquias*. O poder que o copo me deu gerou constrangimento/vergonha em momentos nos quais ganhei prestígio social em relação aos demais presentes. Mais ainda, na relação desigual em que o *bixo* passou a estabelecer comigo e minha amiga. Não posso me furtar, no entanto, de reconhecer que o poder adquirido também me afetou (talvez seja melhor dizer que me encantou) ao me transformar em um *ex-aluno*. Não me parece ser essa uma consequência de meramente ser visto ou marcado como um *ex-aluno*, mas de tornar-me um *ex-aluno* contextualmente. O copo me tornou um *ex-aluno*, ele age nesse sentido – sem copos de vidro em *rocks*, não existem *ex-alunos* nessas festas. Essa experiência parece sinalizar que o copo possui capacidades agentivas que vão deste a afetação que pode causar naquele que o utiliza a induzir outros atores a reagir ao seu uso, transformando as pessoas e as relações. Não obstante, em momento posterior – no final de setembro de 2022, por meio de uma rede social – retomei essa cena com Cássia e fiz uma pergunta muito pontual: por que você usa ou aceita um copo de vidro durante um *rock*?

Então, você lembra de como trataram a gente naquele dia, até você que nem foi de república, dá para notar a diferença, num dá? É o copo que faz isso (meu nome)!! Eu nunca fico sem um copo de vidro nos rocks. Eu sou ex-aluna, imagina uma ex-aluna sem copo de vidro? Fora que é isso, o copo de vidro assim, ele faz com que eu seja respeitada e me dá essas regalias, privilégios. Tipo, eu sou uma pessoa diferente dos outros com o copo de vidro, não vou ser flopada, não vou ser destrutada, tipo... vão me tratar bem, conversar, me servir... essas coisas (Cássia, 2022).

Cássia se refere ao copo como um ator que age tanto em si, que não pode ficar sem

ele, quanto no contexto em que ambos podem se encontrar – ao atuar nas relações e fazer com que coisas aconteçam. Nesse sentido, ele (o copo enquanto este ator) lhe fornece regalias e privilégios, induz outros atores a tratá-la com deferência e simpatia. Além disso, se a posição de *ex-aluna* é contextual e sempre produzida, à medida que nem todas as pessoas sabem quem são os *ex-alunos* de todas as repúblicas, é preciso reiterar-se enquanto tal e o copo de vidro é ator dessa transformação: de alguém comum para uma pessoa que corporifica um lugar social, uma associação que se dá entre ator copo e ator humano, afinal, “imagina uma *ex-aluna* sem copo de vidro?” O copo, nesse sentido, parece realizar um trabalho, que não está na esfera da representação, mas, antes, em uma relação capaz de transformar um agente, no sentido de coproduzir uma categoria (o *ex-aluno*). Sem o copo, pessoas perdem poder; sem o copo, pessoas não são *ex-alunas*. Quando, em interação, atores podem se tornar “alguém, alguma coisa a mais”, uma categoria híbrida, ou, nas palavras de Latour (2001, p. 207), “você se torna outro sujeito porque segura a arma; a arma se torna outro objeto porque entrou numa relação com você.” Assim, considero que o copo age e transforma uma pessoa em *ex-aluna*, bem como não é mais um copo de vidro qualquer.

Outro elemento central na vida republicana é a *cachaça*, pois faz parte da “tradição”, nos termos de Bomfim (2013). A bebida está presente em todos os *rocks* no interior das repúblicas e possui um papel que vai além do seu uso habitual: uma bebida alcoólica. Nessas moradias estudantis, a *cachaça* pode ser capaz de estreitar laços: é comum que moradores chamem seus *irmãos* de casa ou de outras repúblicas para virar um copo de pinga com eles, isto é um ato de consideração, de evidenciar ao outro que aquele que faz o convite lhe estima, bem como o que aceita demonstra reciprocidade. Não obstante, há outro sentido para a presença marcante da *cachaça* nesses espaços: realçar as *hierarquias* a partir de uma micropolítica.

Uma situação que acompanhei pode enfatizar a argumentação anterior: durante um *rock de formatura* em que estava com uma colega de curso (*ex-aluna* de uma república), conhecemos um rapaz morador de uma república Y. Ela, ao se apresentar, conforme é habitual naquele meio, disse seu *apelido* e logo em seguida a casa da qual fazia parte. Em nossa conversa, em determinado momento, o referido morador resolveu “zoar”¹⁷ acerca do *apelido* daquela

17 Em meu trabalho de dissertação, ao descrever a constituição dos apelidos nas repúblicas, sinalizei como este processo revela a forma que as relações de brincadeiras ou “zoeiras” são produzidas ali. Utilizei, para tanto, o termo proposto por Radcliffe-Brown (1952) de “*joking relationship*”, onde a verticalidade das hierarquias parece expressa: a escolha do apelido do bixo – que tinha relação estrita com algo engraçado durante sua trajetória ou atributos vinculados a marcadores sociais da diferença – são sempre feitas por aqueles que estão em posição superior na hierarquia. Isto, considero, é frutífero também para pensar no enlace da jocosidade e das microhierarquias (além da escolha dos apelidos). Explicito melhor: não é esperado que alguém inferior na hierarquia “brinque” ou faça “zoação” com um morador ou *ex-aluno*, posto que isso desestabiliza as disposições hierárquicas daquele contexto. Quando ocorre, nesse sentido, é preciso restituir determina ordem e se faz por meio de trotes, na qual a *cachaça* desempenha um papel relevante, como estou discutindo.

ex-aluna. O que imediatamente gerou desconforto nela, que o obrigou a virar um copo de cachaça como forma de se redimir diante da brincadeira. Ele assim o fez. Este evento ilustra a maneira como, na vida cotidiana – e nos *rocks* –, das repúblicas a cachaça pode operar para lembrar as pessoas seus respectivos lugares sociais. Imbrica-se em um tipo de micropolítica, portanto, e, nos termos do que Clark coloca, pode sinalizar para como estas posições precisam ser produzidas e reiteradas, afinal “atores sociais geralmente sabem onde estão pisando, e onde querem pisar, com relação a outros atores em seus encontros cotidianos. Se eles não agem de forma adequada a seu ‘lugar’, serão lembrados disto por terceiros” (CLARK, 1997, p. 229, tradução nossa¹⁸).

Em entrevista com meus interlocutores Alan e Henrique (moradores de repúblicas), perguntei-lhes se, durante suas trajetórias no contexto das repúblicas, haviam sido obrigados a beber/“virar” cachaça. Eis que eles me respondem contando situações distintas:

Ah sim, eu era bixo bom (risos), então nem tomava cachaça obrigado por algum morador nessa época, sabe? Mas já tomei quando já era morador. A gente foi... é... jogar o campeonato (nome de um campeonato de futebol que ocorre entre repúblicas masculinas), aí o [citou o apelido de um dos moradores da sua república na época, atualmente ex-aluno] jogava muito mal, cara (risos). Com aquele pé frouxo dele, a gente perdeu, né? (risos). Então essa vez me lembro assim, tipo, estávamos lá no rock que tem depois do campeonato, lá na [nome de uma república], aí eu já bêbado, tipo... sem saber do perigo, fui e comecei a zoar ele, falar que ele jogava igual moça (risos), uma viagem minha (risos). Só que daí ele apelou, não aceitou a zoeira e me mandou virar um copo de cachaça... como era tipo, nessa época é... eu era semi-bixo já, morador então, mas ele o segundo lá de casa depois do decano. Aí fui obrigado a tomar, né, cara? Fiquei loucaço aquele dia (risos), de memória assim é a vez que mais me lembro mesmo (Alan, 2021).

Hum... a vez mais marcante foi quando eu era bixo, foi um erro, tipo conjunto, meu e do meu irmão de batalha. Lá em casa, a gente (se referindo a sua república) ia fazer aniversário de 30 anos (de fundação/formação da moradia estudantil), aí a gente tinha que entregar os convites do rock pras repúblicas amigas, né? É função dos bixos lá em casa isso. Se eu lembro bem, eram tipo umas 25 repúblicas convidadas... e tava só eu e meu irmão de batalha, duas pessoas só. Aí foi a gente garrado pra entregar tudo no prazo, esquecemos de entregar pra duas repúblicas femininas amigas nossas. Nossa, gerou um climão isso, porque ficou feio demais pra casa, né? Aí os moradores fizeram eu e [apelido do irmão de batalha] virar dois copos cada um (risos) de cachaça, foi tenso... E lá em casa, quando a gente chegou, os moradores eram mais fudas, então se a gente titubeasse, tipo resistisse ali, eles mandavam a gente tomar mais, bota fé? (Henrique, 2021).

Relevante salientar, o termo “bixo bom” usado por Alan é utilizado para se referir a um *bixo* que, durante a *batalha*, tende a cumprir com suas obrigações e atividades e zelar pelas tradições republicananas de maneira exemplar. Em seu relato, ele rememora um momento

¹⁸ No original: “Social actors generally know where they stand, and where they want to stand, relative to other actors in their everyday encounters. If they do not act appropriately for their “place,” others remind them”.

igualmente festivo – um *rock* – em que ele decide zombar da performance como jogador de um morador em posição hierárquica superior à sua naquele contexto. Tal como na situação que presenciei, ao zoar ou brincar com alguém que está em um lugar social acima de si, a cachaça parece reestabelecer a *hierarquia* que a zombaria pode desestabilizar nesse meio social. Ao obrigar Alan a virar a cachaça o morador busca informá-lo do seu lugar perante a organização social da casa, em uma forma de demonstração de poder, uma micropolítica, em torno do trote. Afinal, como argumenta Clark (1997, p. 229, tradução nossa¹⁹), “as pessoas ‘sabem o seu lugar’ ou são ‘colocadas no seu devido lugar’ caso violem a ordem das coisas”. O caso relatado por Henrique vai neste sentido, mas acrescentaria outro ponto relevante: ao obrigar o *bixo* a virar cachaça quando ele “erra” ou comete um deslize em suas funções no período da *batalha*, os moradores estão demarcando seus lugares sociais e operando no sentido de ensinar, dar uma lição, a partir da punição àquele *bixo* – para que ele não cometa novamente tais desvios em relação ao que se espera do comportamento na *batalha*/no cotidiano. No entanto, a produção da micropolítica não ocorre apenas entre moradores, afinal, a cachaça precisa ser acionada, ou seja, ela é um ator que participa do processo de (re)alinhamento da *hierarquia*. A relação se estabelece entre morador/cachaça/morador ou *bixo* – e, nesse caso, considero que a ação (produzir hierarquias), como diria Latour (2001), não é apenas uma propriedade dos humanos. Não obstante, talvez a cena a seguir deixe mais evidente a capacidade agentiva da cachaça.

Em outra ocasião, também em um *rock de escolha*, em novembro de 2019, fui convidado para a escolha de um interlocutor, Luiz, que *batalhava* em uma república masculina. Com ele, seriam escolhidos mais dois *bixos* daquela casa. Na parte externa da moradia, em uma mesa, estavam dispostas três garrafas de 600 ml de cachaça, rotuladas respectivamente com o *apelido* de cada um dos escolhidos. Fiquei imediatamente preocupado, pois, meu interlocutor não tinha o costume de ingerir bebida alcoólica, sobretudo, cachaça – como havia me dito em outros momentos. Resolvi então perguntar ao *decano* da casa o porquê de os recipientes estarem marcados com os nomes dos *bixos*. Fui informado que os *bixos* deveriam beber todo o líquido daquele copo para provarem que eram merecedores de estarem ali, de se tornarem moradores da república. Pela certa intimidade que tinha com o *decano* perguntei então se poderia ajudar Luiz a beber a cachaça, já que ele não consumia com frequência bebida alcoólica, e, ainda que com certa resistência, ele concordou. Porém, ao oferecer ajuda, meu interlocutor recusou. Disse que queria “vencer” a cachaça, iria “provar quem morre primeiro, ele ou a cachaça”. Ora, não seria aqui a cachaça um agente? Alguém passível de “vencer” ou “matar”? Infelizmente, Luiz não estava preparado para “vencer” a cachaça.

Foi o que se seguiu: ao tomar mais da metade do líquido, precisou ser carregado até

19 No original: “people “know their places” or get “put in their places” should they violate the pecking order”.

o quarto, pois, no linguajar republicano havia “capotado”. Ciente das implicações dessa cena em outras situações no cenário republicano²⁰, resolvi acompanhar seu sono. Alguns minutos se passaram até que ele começou a se engasgar, então agi rapidamente tentando movimentar sua cabeça para baixo. Luiz não conseguia reagir e começara a vomitar. Enquanto isso, eu retirava o vômito de sua boca com minhas mãos, enquanto gritava por ajuda. Outras pessoas vieram a nosso socorro e meu interlocutor precisou ser carregado e levado ao hospital. No carro, por algumas vezes, também se engasgava e eu novamente repetia o procedimento. Passado esse episódio, na semana seguinte, Luiz, em conversa, relatou que “a cachaça, antes de matar, ela humilha”. Essa é uma metáfora que circula pelo Brasil, mas penso que é reflexiva para desvelar a capacidade agentiva da cachaça que não se limita a seu efeito interno, ou biológico, como queiram definir, mas externo e nas relações coletivas. Afinal, Luiz também se queixou comigo que, a partir daquele episódio, apesar de ter se tornado morador, não seria tão bem quisto quanto seus colegas que não foram “humilhados” pela cachaça. O que pode dar um sinal de como a cachaça é atuante e produtora das relações micropolíticas daquele contexto.

O que tentei sugerir aqui é que copo de vidro e a cachaça participam da produção da micropolítica como agentes atuantes. Isso é perceptível no nível das associações e relações que produzem – ao mesmo tempo que são produzidas – com os demais atores no contexto das repúblicas. Essa associação, em termos latourianos, faz com que outros atores façam coisas ou sejam induzidos a fazer coisas, além de transformarem outros atores, que se imbricam no processo (LATOUR, 2012).

PLAQUINHAS, BANDEIRAS E CADERNOS: CONECTANDO PESSOAS E CRIANDO VÍNCULOS SOCIAIS

Durante a batalha, muitas repúblicas exigem que o *bixo* recolha assinaturas de membros de outras repúblicas. Trata-se de moradias que são consideradas “amigas” ou mais próximas daquela em que ele/ela está *batalhando*. Desse modo, no início da *batalha*, o *semi-bixo* compra um caderno e entrega aos *bixos* da casa, com a descrição de quantas repúblicas eles precisam visitar/conhecer e recolher assinaturas dos seus moradores. Geralmente são, em média, 20 casas as quais o contato precisa ser realizado. Os cadernos funcionam como um elo que busca conectar e fortalecer os laços sociais entre as repúblicas numa dinâmica em que o *bixo* precisa

²⁰ Em 2012, um aluno morreu após se engasgar com o próprio vômito durante a madrugada, após seu rock de escolha. Ver notícia completa em Evangelista (2012).

ser conhecido/reconhecido e entendido como um membro do grupo social: dos republicanos. A noção de relacionalidade empregada por Strathern (2015) para discutir o vínculo familiar/parentesco, talvez possa ser tensionada aqui, à medida que sair com o caderno em busca de assinaturas e obtê-las parece ser uma maneira dos republicanos reconhecerem e autorizarem que o *bixo* adentre o “círculo de conhecidos” e, caso escolhido, passe a se familiarizar com este núcleo social (STRATHERN, 2015, p. 104).

Ademais, ao andar pelas ladeiras de Ouro Preto com o caderno de assinaturas, muitas vezes com os *irmãos de batalha*, os vínculos entre estes se fortalecem também. Ter o caderno de assinaturas preenchido significa ser referendado por aquele contexto, o caderno vazio é a prova de um fracasso. O caderno preenchido é sinal ainda de que o caminho para se tornar parte da família está próximo. Quando se é escolhido, o caderno não é descartado como um mero objeto, muito pelo contrário, é mantido nos pertences daquele novo membro, pois refletem sua história/trajetória e constituição enquanto morador da república em questão. Como revelou minha interlocutora Selma (ex-aluna de uma república): “veja, formei em 2016 e tenho até hoje meu caderno... tipo, é algo afetivo, sabe?” “Como assim?”, pergunto-lhe. “Ele me lembra de um período da minha vida... das histórias que eu vivi como bixo, várias pessoas que conheci e viraram amigos, enfim, não consigo me livrar dele (risos)” (Selma, 2020). Não posso afirmar que os cadernos – como no caso da minha interlocutora – são guardados por um longo período com os republicanos *ex-alunos*, mas que eles são mantidos pelo menos durante o período em que se está residindo na república, isso é, de certa maneira, tradicional e esperado.

Assim, são também mantidas as *plaquinhas* como uma memória do período da batalha e como constituinte, por conseguinte, do morador. Em diversas ocasiões – no interior das repúblicas – observei que as plaquinhas são guardadas nas cabeceiras das camas ou penduradas nos guarda-roupas dos moradores. Não obstante, as plaquinhas são produzidas pelos *semi-bixos* e entregues aos *bixos*. Trata-se de um material construído com papelão como base, decorado com cartolina e tinta, no qual geralmente são colocados símbolos que fazem referência à república, seguidos dos dizeres “sou *bixo* x *batalho* na república y”.

As plaquinhas são usadas no cotidiano – bem como *rocks* – junto ao corpo, durante o período de *batalha*. Constitui-se como um elemento capaz de informar e identificar uma diferença, o lugar social, daquela pessoa em relação ao contexto republicano – ou seja, a plaquinha é usada pelo *bixo*, pois ela o inscreve como *bixo* – personificando-o enquanto tal.

Há outra plaquinha produzida após a *batalha*, caso o *bixo* seja escolhido. Esta segunda plaquinha é entregue no *rock de escolha* e sinaliza sua mudança no lugar social. Tal como a plaquinha usada na batalha, esta segunda possui os mesmos elementos, mas os dizeres são distintos: sou [apelido do morador escolhido], o mais novo morador da república x; ou ainda uma espécie de nome dado aos moradores daquela república (ex.: os moradores da república

Nau Sem Rumo são os *Piratas*, as moradoras da república Paraíso são as *Evas* etc.). Esta plaquinha é usada por um período mais curto e informa ao cenário republicano e estudantil quem é aquela nova integrante da república, bem como da *família republicana*.

Figura 3. Plaquinha de um bixo



Figura 4. Calouras com placas das repúblicas onde batalham



Fonte: Thaís Pimentel, 2015.

Fonte: Joyce Fonseca, 2014.

As *bandeiras* das casas servem como outro elemento que constitui pertencimento naquele contexto social e demarca tanto o morador enquanto tal, como a presença dos moradores das repúblicas em determinado espaço ou acontecimento festivo, comemorativo ou cerimonial. Assim, durante eventos como formaturas, as bandeiras sinalizam de várias maneiras a formação de alguém que pertence a determinada república: na colação de grau, por exemplo, o formando, vestido com a beca, faz sua caminhada até receber o diploma simbólico também vestido da bandeira, como uma espécie de manto que encobre suas costas. Tal ato marca a constituição do formando, que carrega consigo sua casa por meio daquele objeto. Nesse sentido, podemos pensar a bandeira como um objeto que lhe constrói e informa sua pertença àquele meio, ou melhor, demarca sua diferença dos demais estudantes presentes naquela cerimônia: não se trata de qualquer aluno da universidade, mas antes de um morador da república x. Serve para realçar, assim, um lugar social que ele ocupa no cenário estudantil de Ouro Preto, dentro de um núcleo familiar republicano.

Figura 5. Bandeira de uma república feminina particular de Ouro Preto

Fonte: Autor, 2018.

Em eventos mais formais, como defesas de trabalhos de conclusão de curso, as bandeiras também são levadas até a Universidade e, ao final do rito, os moradores a seguram e tiram uma foto junto ao membro que defendeu a monografia, celebrando um momento importante para o ente daquela família. Logo, uma data especial para a república. Há ainda outra tradição: a meses de antecedência da festa de formatura, é marcada pela comissão uma sessão de fotos. Nesta ocasião, os estudantes membros das repúblicas também levam suas bandeiras e tiram fotos vestidos com ela, realçando, mais uma vez, sua pertença a determinada casa no contexto social. Após a sessão de fotos, no mesmo dia, há o *rock de fotos* e, ali, todas as bandeiras são expostas no ambiente em que ocorre a festa, de modo a sinalizar quais repúblicas estão presentes no *rock* em questão.

Como aprofundi na dissertação de mestrado, as relações de amizade entre repúblicas masculinas e femininas podem ocasionar em laços conjugais entre seus moradores. Enlaces que se iniciam, por vezes, durante a trajetória dos moradores como estudantes, na forma de um namoro, mas que se estendem até o período em que são *ex-alunos* e tendem, assim, a se unir em matrimônio. Quando esses casamentos ocorrem, os moradores atuais fazem questão de levar as bandeiras das repúblicas para a cerimônia, onde posam para uma foto tradicional os noivos, as moradoras da república feminina (da noiva) e moradores da masculina (do noivo), bem como as bandeiras de suas respectivas casas. Tal união é, nesse aspecto, para além de um laço entre duas pessoas, mas também das repúblicas que estreitam seus vínculos, as fotos com as bandeiras funcionam como uma “prova” importante para reafirmar essa ligação. Bandeiras

também moram, logo, elas saem de casa para tais eventos descritos, mas pertencem a suas respectivas moradias e podem ser sequestradas por repúblicas do gênero oposto, do mesmo modo que o quadrinho, para que o pagamento do “resgate” seja o social.

Ao argumentar que as plaquinhas, bandeiras e os cadernos conectam as pessoas, criando um laço afetivo/familiar, proponho aproximar – dentro dos limites possíveis – com o que Rebecca Empson (2014) discute em relação aos objetos no contexto dos povos Buriad. Obviamente, estou atento que se trata de cosmologias que orientam a vida de modos distintos, mas esta conexão pode ser, em certo sentido, produtora. A antropóloga argumenta que as relações entre os Buriad e os materiais dão sentido tanto à noção de pessoa quanto às interações sociais que conformam a concepção de parentes naquele meio. Questiono-me: haveria *bixo* sem plaquinha? Republicanos sem suas bandeiras? *Família republicana* e suas amizades sem os cadernos? Estas inquietações, oriundas do meu percurso no contexto das repúblicas e do encontro com a discussão desencadeada por Empson, parecem tornar frutífero o argumento de que os objetos “podem atuar como coisas sobre as quais as pessoas inscrevem seus próprios significados e suas memórias” (EMPSON, 2014, p. 18) e, por fim, como atores não-humanos (como as bandeiras e as plaquinhas) e atores humanos (moradores e *bixos*) estão entrelaçados, numa perspectiva latouriana (LATOURE, 2001). São produzidos e se produzem por meio de uma relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo busquei evidenciar como a agência de elementos materiais, como quadrinhos, copos de vidro, plaquinhas, bandeiras e cadernos, bem como orgânicos, a exemplo da cachaça, são relacionais aos humanos ali presentes. Ou seja, aos *bixos*, *moradores*, *ex-alunos* e demais pessoas do contexto estudantil da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Pensar no sentido das relações nas quais eles também estão dispostos – de maneira que agem e interagem – levou-me a concebê-los, portanto, com capacidades agentivas que os destituem de uma conformação meramente funcional (dos seus usos) naquele cenário em questão.

As fontes que mobilizei – que também podemos chamar de dados – parecem sugerir que os quadrinhos são *ex-alunos* incorporados, que possuem uma vida e podem morrer; que estão em suas casas e que tal presença prolonga os laços familiares que possuem com determinada moradia estudantil ao longo do tempo. E além disso que - em *rocks* e outras ocasiões – copos de vidro fazem *ex-alunos*, ou seja, produzem um lugar social de privilégio dentro das repúblicas. Tal como a cachaça, que opera para reiterar as *hierarquias* – em um processo ativo – nesse

aspecto micropolítico; produzindo os lugares sociais e de poder daqueles que estão no topo em relação ao outro. As plaquinhas, cadernos e bandeiras constituem – da mesma forma que são constituídas – as relações sociais de pertença, conexão e afinidade que os republicanos tendem a denominar de *família republicana*.

Levei a sério tais premissas e, talvez, tenha deixado passar outras discussões possíveis a partir dos relatos dos meus interlocutores e do meu contato/ acesso a esse meio estudantil. Fato é, em todo texto, escorrem pelas linhas outras questões e perguntas – a agência das repúblicas, por exemplo, pode ser um ponto que emerge para além deste trabalho. Isto pode ser visto como uma oportunidade para futuras produções, bem como um caminho fértil para quem venha a se interessar pela temática/campo. Este artigo, por fim, apresenta-se aos leitores como uma possibilidade – que não é inédita, mas busca se somar a outras produções, sobretudo, em Antropologia – de pensar que, se elementos materiais e imateriais possuem agência em outros contextos/de outras cosmologias não-ocidentais, eles também precisam ser pensados assim em nossas realidades mais próximas, para não correremos o risco de cair na cilada epistemológica do humano como o centro do mundo.

REFERÊNCIAS

1. ANICETO, Caio; CAPANEMA, Igor; FONSECA, Joyce; SILVADO, Silvia Cristina; MOTA, Thatyanna. **Entre trotes e batalhas**. Jornalismo UFOP, 2014. Disponível em: www.jornalismo.ufop.br/tecer/?p=3757. Acesso em: 01 dez. 2021.
2. BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai**. Ritual de máscaras no Alto Xingu. São Paulo: Edusp, 2008.
3. BARRETO, Cristiana; OLIVEIRA, Erêndira. Para além de potes e panelas: cerâmica e ritual na Amazônia antiga. **Habitus**, v.14, n. 1, p. 51-72, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/hab.v14.1.2016.51-72>. Acesso em: 12 jun. 2023.
4. BOMFIM, Leonardo. A ritualização nas Repúblicas Federais de Ouro Preto - MG: dos hinos às ‘rezas de cachaça’ e suas implicações. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE MÚSICA E MÍDIA - ‘O GOSTO DA MÚSICA’, 9., 2013, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Encontro Internacional de Música e Mídia, 2013.
5. CABRAL, Mariana. Sobre urnas, lugares, seres e pessoas: materialidade e substâncias na constituição de um poço funerário Aristé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 15, n. 3, e20190123, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0123>. Acesso em: 12 jun. 2023.
6. CARSTEN, Janet. Introduction: cultures of relatedness. *In*: CARSTEN, Janet. **Culture of**

- relatedness**: new approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 01-36.
7. CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@u – Revista de Antropologia da UFSCar**, n. 6, v. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.52426/rau.v6i2.125>. Acesso em: 12 jun. 2023.
 8. CARSTEN, Janet. House-lives as ethnography/biography. **Social Anthropology**, v. 26, n. 1, p. 103-116, 2018.
 9. CLARK, Candace. Sympathy, Microhierarchy and Micropolitics. In: CLARK, Candace. **Misery and company**: sympathy in everyday life. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1997. p. 226-251.
 10. DEQUECH, David. **Isto dantes em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1984.
 11. EMPSON, Rebecca. Materialização das relações de parentesco na Mongólia. **R@u - Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.52426/rau.v6i2.119>. Acesso em: 12 jun. 2023.
 12. ESTANQUE, Elísio. A práxis do trote: breve etnografia histórica dos rituais estudantis de Coimbra. **Sociologia & Antropologia**, v. 7, p. 429-458, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v725>. Acesso em: 12 jun. 2023.
 13. ESTANQUE, Elísio. Jovens, estudantes e ‘repúblicos’: culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 81, p. 9-41, 2008.
 14. EVANGELISTA, Renata. Universitário da UFOP é encontrado morto após participar de festa. **Jornal Hoje em Dia**, 30 nov. 2012. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/universit%C3%A1rio-da-ufop-%C3%A9-encontrado-morto-ap%C3%B3s-participar-de-festa-1.71867>. Acesso em: 22 de nov. 2021.
 15. FRANÇA, Adriana Altíssimo. **O léxico da comunidade de Ouro Preto-MG**: da (im) possibilidade de reflexos do contato linguístico. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
 16. FONSECA, Juliano de Carvalho. **Juventudes**: uma leitura sobre a interação entre estudantes universitários em Ouro Preto/MG. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
 17. GELL, Alfred. **Art and Agency**: an anthropological theory. Oxford: Oxford University Press, 1998.
 18. HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.
 19. HOUDART, Sophie. Humanos e não humanos na antropologia. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 13-29, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175->

- 8034.2015v17n2p13. Acesso em: 12 jun. 2023.
20. INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 18, n. 37, p. 25-44, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Acesso em: 12 jun. 2023.
 21. LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Tradução de Gilson C.C. de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001.
 22. LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.
 23. LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Vida de laboratório**. Tradução de Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
 24. MACHADO, Otávio Luiz. As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 197-199, 2003.
 25. MACHADO, Otávio Luiz. **Repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana: percursos e perspectivas**. Frutal: Editora Prospectiva, 2014.
 26. MALTA, Eder. **Identidades e práticas culturais juvenis: as repúblicas estudantis de Ouro Preto**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, 2010.
 27. MARCELIN, Louis Herns. “A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano”, **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999.
 28. NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 57-67, 2014.
 29. PIMENTEL, Thais. ‘Batalha de vagas’ espanta calouros de repúblicas federais de Ouro Preto. **Portal G1 de Notícias**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/03/batalha-de-vagasespanta-calouros-de-republicas-federais-de-ouro-preto.html>. Acesso em: 08 jan. 2020.
 30. RADCLIFFE-BROWN, Alfred. **Structure and function in primitive society**. London: Cohen and West, 1952.
 31. RIFIOTIS, Theophilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 12, p. 566-578, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2012.3.13016>. Acesso em: 12 jun. 2023.
 32. RODRIGUES, Igor. **Tramas da Tecnologia**. Etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

33. SOUZA, Iara Maria de Almeida. Vidas experimentais: humanos e roedores no laboratório. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 241-268, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.3108>. Acesso em: 12 jun. 2023.
34. STRATHERN, Marilyn. **A Ciência implícita**. In: STRATHERN, Marilyn. Parentesco, direito e o inesperado parentes são sempre uma surpresa. São Paulo: Editora Unesp, 2015 [2005]. p. 69-106.
35. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Moradia estudantil de gestão compartilhada**. In: Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2021. Disponível em <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-de-gestao-compartilhada>. Acesso em: 03 fev. 2022.
36. VILAÇA, Aparecida. **Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari'**. Rio de Janeiro: ANPOCS/EdUFRJ, 1992.
37. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena". In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac Naify. 2002. p. 345-399.
38. WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Yuri Alexandre Estevão-Rezende

Doutorando e Mestre em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6613-9959>.
E-mail: yurirezende14@hotmail.com